

Inês Costa

inesrcosta6@hotmail.com

Construção da história de um cofre indo-português

Resumo

Um museu pode construir a sua história através do estudo de seus objetos. Saber a sua origem, os métodos de produção, os locais onde já estiveram e como foram parar à instituição museológica onde se encontram. Este artigo tem como objetivo mostrar como é possível realizar o estudo do percurso de um objeto sobre o qual não existe muita informação documental, sendo necessário optar por métodos alternativos, e usando como exemplo um cofre indo-português presente na coleção do Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC). Estes métodos consistiram na caracterização material e formal do cofre, fazendo-se a sua descrição e identificando os materiais e tipologia decorativa, comparando com outros exemplares semelhantes que possuíam mais informação em catálogos e fontes manuscritas, traçando-se, assim, o seu percurso, da produção em Guzerate à exposição no MNMC.

Palavras-chave

Museu Nacional de Machado de Castro; Estudo de coleções; Cofre indo-português.

Nota biográfica

Inês Costa é licenciada em Conservação e Restauro pela Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade Nova de Lisboa (2016), e mestre em Museologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2018). Atualmente está como estagiária de Conservação e Restauro no Museu Regional da Guarda.

Abstract

A museum can build its history through the study of its objects. Know their origin, the production methods, the places where they have been and how they got to the museological institution where they are. This article aims to show how it is possible to study the course of an object about which there is not much documental information, being necessary to choose alternative methods, and using as an example an Indo-Portuguese chest present in the collection of the National Museum of Machado de Castro (MNMC). These methods consisted of the material and formal characterization of the chest, making its description and identifying the materials and decorative typology, comparing it with other similar examples that had more information in catalogues and manuscript sources, thus tracing its path, from production in Gujarat to exposure at MNMC.

Keywords

Museu Nacional de Machado de Castro; Collections Study; Indo-Portuguese chest.

Biographical note

Inês Costa graduated in Conservation and Restoration at the Faculty of Science and Technology of the Nova University Lisbon (2016) and holds a master's degree in Museology from the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto (2018). Presently is working as an intern in Conservation and Restoration in the Museu Regional da Guarda.

Introdução

A história de um museu pode ser construída através dos seus objetos e coleções e das relações que eles formam ao longo dos anos (Alberti, 2005). As coleções de museus são compostas por centenas ou até milhares de objetos, e cada um tem a sua própria história. Quando e onde foi a sua origem? Em que locais já “viveu”? Que momentos chave teve? Como é que o clima político e social o afetou? Fazer estas questões, como se da elaboração da biografia de uma pessoa se tratasse (Kopytoff, 1986), é uma das opções que permite estudar um objeto, construindo o seu percurso desde o momento da sua criação até o presente.

O estudo de um objeto não reside apenas na sua caracterização formal e técnica. É também necessário reunir informações que possibilitem a sua contextualização e valorização (Pearce, 1994). Quando não existem fontes e registos associados que permitam realizar esta tarefa, isto pode tornar-se um desafio, pelo que é necessário encontrar outras maneiras de construir o percurso e história do objeto. A partir disto, confere-se valor e significado ao objeto para além do material, enriquecendo a informação presente nas coleções do museu (Pearce, 1994).

Este artigo pretende descobrir o percurso e a consequente história de um dos cofres indo-

portugueses da coleção do Museu Nacional de Machado de Castro, através não só da informação que existe sobre o mesmo, que é insuficiente, mas também aproveitando a informação disponível acerca de outros cofres existentes da mesma tipologia, alguns com fontes mais seguras da sua origem, e mais documentação. Isto irá permitir caracterizá-lo, inserindo-o num determinado período da história e da arte indo-portuguesa.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho assentou na pesquisa documental, fazendo-se uma revisão da documentação já existente sobre o cofre indo-português em foco. Foi também reunida informação relativa a outros cofres da mesma tipologia, assim como os métodos de produção e contexto histórico. Através deste método de pesquisa, é possível caracterizar o contexto dos objetos estudados e o seu percurso ao longo da história, mesmo quando a informação existente é escassa.

1 – Cofres indo-portugueses em tartaruga e prata

1.1 – Contexto temporal e espacial

O século XV e XVI foram marcados principalmente pelas viagens e conquistas

marítimas e pelo crescente império marítimo português, motivado por uma mistura de fatores religiosos, económicos, estratégicos e políticos. No reinado de D. Manuel I, foi entregue a Vasco da Gama a missão de concluir a viagem marítima até à Índia, que prosseguiu a exploração após o cabo da Boa Esperança, apesar de dificuldades e limitações. A chegada a terras indianas deu-se a 20 de maio de 1498 (Bethencourt, 1998), graças à colaboração de um navegador muçulmano, com vastos conhecimentos, a mando do sultão de Melinde. Em 1499, a nau *Bérrio* deu entrada nas águas do Tejo, dando motivos para celebração, pois concluía-se a primeira viagem de ida e volta até à Índia, realizada por navegadores vindos pelo Atlântico. Após esta viagem inaugural, os navegadores portugueses nunca tiveram problemas em repetir a rota nas suas viagens comerciais.

Portugal nunca quis dominar territorialmente a Índia, interessando-se apenas pelo comércio, e não pela produção de bens, como acontecia noutras províncias Ultramar. Goa tornou-se o grande centro político e administrativo daquele tempo, sendo o local de habitação do governador, vice-rei e bispo. Era também o local onde estavam sediadas as sedes religiosas e ponto de chegada e partida (Bethencourt, 1998).

Ao contrário do que ocorreu noutros territórios do ultramar, houve uma grande assimilação a nível social e cultural, tanto pelo povo indiano como pelo povo português, convivendo em harmonia. Um dos campos onde isto é melhor refletido é na arte. Surge o estilo indo-português, que incorpora elementos de ambas as culturas, dando lugar a criações harmoniosas, em reflexo da sociedade.

Um tipo de objetos que nasceu desta união foram os objetos em carapaça de tartaruga, bastante populares no século XVI, e muitos foram adquiridos por membros das cortes reais para integrarem as suas coleções, nas chamadas *Kunstkammer* (câmaras maravilha), sendo considerados símbolos de estatuto e riqueza. Os cofres, executados num dos materiais mais cobiçados da época e portadores de uma beleza singular, conseguida através da junção de formas ocidentais com a aptidão dos artesãos indianos e do contraste da cor viva da carapaça de tartaruga com as guarnições em prata, eram objetos procurados e encomendados pelas classes sociais mais elevadas, principalmente a nobreza e clero.

O registo mais antigo da existência de um cofre em tartaruga e prata, datado de 1546, provém do inventário oficial da Alfândega de Diu, e menciona “um cofrinho do reino, outro de madeira coberto de madrepérola e um terceiro em tartaruga e prata”, sendo este utilizado

para guardar dinheiro (Pinto, 1991). Após esta data existem vários registos de cofres desta tipologia, nomeadamente entre 1577 e 1580, em que o cardeal D. Henrique ofereceu vários presentes ao sultão de Marrocos, dos quais constavam três cofres em tartaruga e prata, assim como em inventários de bens deixados por membros da nobreza (Vinhais et al., 2008). Também existem registos de dois cofres, em 1569, nos arquivos da Torre do Tombo, transcritos em 1744 por António Caetano de Sousa “Hum cofrinho de tartaruga tumbado, guarnecido de prata com fechadura e chave (...) Outro cofre de tartaruga mayor razo, e o tampaõ de meyas canas guarnecido todo de prata (...)”.

Os cofres seriam, muito provavelmente, confeccionados em Guzerate, norte da Índia, local onde, segundo o navegador francês François Pyrard de Laval (1578-1623), existia uma grande produção de pequenos objetos, utilizando como matéria-prima a carapaça de tartaruga, que era previamente polida. As guarnições eram executadas em prata.

Em Portugal e Espanha eram objetos altamente apreciados, tendo funções essencialmente litúrgicas, como caixa de hóstias ou relicários, pelo que a maioria provém de igrejas ou conventos. Também poderiam ser utilizados

como guarda jóias de membros da nobreza e burguesia.

1.2 – Materiais e técnicas

O material era obtido a partir da camada exterior da carapaça da tartaruga-de-pente (*eretmochelys imbricata bissa*), oriunda da região Indo-Pacífica, sobretudo em zonas costeiras, com água límpida, o que facilitava a sua captura. No século XVI, eram capturadas principalmente na zona das Maldivas, o que explica a facilidade com que se obtinha este material em Guzerate. Esta carapaça era composta por placas sobrepostas, normalmente de cor amarela com algumas manchas, e não podia ser usada diretamente na produção de objetos de arte. Eram escolhidas as placas de acordo com a sua coloração (Gleich, 1999) e o material era aquecido em água salgada a ferver, tornando-o deveras maleável, o que permitia a união de vários fragmentos, obtendo o formato desejado após o arrefecimento (Gleich, 1999). Isto dava um aspeto um pouco tosco e nada atraente aos objetos, sendo por isso necessário eliminar as irregularidades através da raspagem do material e do seu polimento com uma lixa muito fina, de forma a evitar o aparecimento de riscos. O passo final era polir

novamente a superfície com uma mistura abrasiva (Gleich, 1999).

Este material era muito cobiçado e um símbolo de estatuto e exotismo, descrito pelo navegador francês Pyrard como “...algo infinitamente belo depois de ter sido polido” sendo “por essa razão procurada por todos os indianos, reis e cortesãos de posses (..) que a utilizam para fazer cofres e caixas com guarnições de prata”.

A origem da prata utilizada nesta tipologia de cofres é desconhecida, mas teria a mesma qualidade que aquela utilizada em Portugal (Silva, 1966). As guarnições seriam produzidas e aplicadas em Goa, cidade notória pela produção de artigos de luxo na época, de acordo com o cronista Diogo do Couto (1534-1616). Eram decoradas com técnicas de cinzelamento, vazamento e repuxamento da prata, criando um baixo-relevo, geralmente colocadas na vertical ou horizontal, fixas à superfície em tartaruga através de pregos ou pequenos alfinetes de prata e, para além da sua componente decorativa, teriam também como propósito o reforço das arestas do cofre.

A forma típica consiste num corpo paralelepipedal, embora se possa denotar que nos exemplares mais antigos, a tampa tem poucos elementos decorativos e tem uma

forma de tronco piramidal, uma característica que foi bastante difundida no oriente islâmico aquando a chegada dos portugueses (Silva 2001). Nos mais recentes é trifacetada, com guarnições em prata, podendo ser, ou não, ondulada (Silva, 2004). Os fechos têm, por norma, uma forma quadrangular, oval ou de escudo, uma ornamentação com motivos vegetalistas e a lingueta continha muitas vezes a representação de um lagarto, com cabeça virada para baixo e cauda enrolada, com a simbologia de “perigo” ou “castigo”, um motivo de origem portuguesa já verificado em cofres de couro portugueses anteriores a este período (Silva, 2001).

A decoração insere-se perfeitamente nas características da arte e ourivesaria indo-portuguesa, consistindo em motivos fitomórficos e zoomórficos, muitas vezes estilizados e intercalados entre si, com espirais, entrelaçados, pequenos animais e criaturas da mitologia (Silva, 1966). Existem cofres que apresentam guarnições em prata em grande parte da sua superfície, no entanto, existem outros com decoração mais simples, focada apenas nas dobradiças e fechaduras.

Esta tipologia de cofres produzidos em território indiano por artesãos nativos, seguia os protótipos europeus em termos de estrutura e formato, nomeadamente da

Península Ibérica (Vinhais et al., 2008), embora se denote uma influência marcadamente Mogol nos elementos decorativos. Os artesãos, apesar de respeitarem as indicações e influências dos seus clientes, continuavam a introduzir estilos e elementos da sua cultura, criando uma fusão entre a arte portuguesa e a arte mogol.

1.3 – Exemplos de cofres indo-portugueses

Para se realizar a caracterização e contextualização do cofre presente no Museu Nacional de Machado de Castro, foi feito um levantamento dos exemplares conhecidos em instituições museológicas nacionais e internacionais, assim como de coleções particulares e leiloeiras. Tendo em conta que podem existir mais exemplares com colecionadores que não querem divulgar o seu acervo, os cofres abrangidos neste levantamento não englobam todo o universo existente, mas são uma ajuda preciosa na caracterização do cofre que está a ser estudado. Para a pesquisa realizada, apenas foram considerados aqueles em que os únicos materiais utilizados foram carapaça de tartaruga e prata (excluindo os que foram executados noutros materiais, como madeira revestida a carapaça de tartaruga), de origem

indo-portuguesa, compreendidos entre os séculos XVI e XVIII.

Em Portugal, estes objetos tinham as igrejas como um dos destinos principais, uma vez que muitos dos que são conhecidos provêm de acervos e tesouros de antigas igrejas e conventos. Nestes contextos, a sua principal função seria servir de relicário. Existem ainda vários exemplares provenientes de famílias que os venderam ou doaram a instituições.

O cofre presente na coleção do Museu de São Roque, parte da Santa Casa da Misericórdia, anteriormente integrante no Altar das Relíquias dos Santos Mártires da Igreja de São Roque (Silva, 1993), possui as fontes documentais mais antigas e fiáveis: o inventário da Igreja Inaciana de 1603, após a doação de D. João Borja, e que refere a sua existência anteriormente a 1588 (Silva, 1996). Tem uma decoração muito simplista, com guarnições de prata apenas nas dobradiças e ferrolho e o formato em urna baseado no protótipo islâmico, o que pode permitir enquadrar outros cofres com este formato nos meados do século XV. A sua originalidade reside na escassa decoração que possui, uma característica quase inexistente noutros exemplares conhecidos. Apresenta uma superfície cor de laranja viva, em que as uniões entre as várias placas são impercetíveis. Em

2006, um cofre com características semelhantes, mas com guarnições nos cantos e uma pega no topo, foi vendido pela leiloeira Cabral Moncada Leilões, por 125 000 euros, o que demonstra que ainda hoje são altamente valorizados e apreciados como peças decorativas (Cabral Moncada Leilões, 2019a).

Outro cofre que também se destaca pela simplicidade, é o do Museu Alberto Sampaio, comprado ao Antiquário Teixeira Bastos. Tem apenas como decoração elementos vegetalistas (em que o ferrolho está em falta) na fechadura, e a pega, trabalhada de modo a parecer uma serpente, e pequenas aplicações cravadas em forma de flores (Cunha, 1999).

O cofre da Casa de Antiquidades São Roque, do século XVI, mostra também características proto islâmicas, como o formato em urna, e uma tampa mais alta, mas já exhibe guarnições mais elaboradas e trabalhadas, ao longo das arestas.

Um cofre ainda hoje pertencente à Diocese do Funchal, já exposto em várias exposições nacionais e internacionais (Arquipélagos, 2016), apresenta uma coloração mais escura e uma decoração simples, com guarnições estreitas e pouco trabalhadas nas arestas do cofre e a meio da tampa. Possui apenas uma pega no cimo da tampa e, no ferrolho, aparece

representado um lagarto de cabeça virada para baixo e cauda encaracolada.

Existem mais exemplares que ainda se encontram sob a tutela de Igrejas, como é o caso dos integrados nos acervos da Igreja Paroquial do Montijo e da Diocese de Lisboa (anteriormente na Igreja de Barbadinhos da Graça), que ainda desempenham a sua função original de relicário. O último tem uma característica particular, em que a carapaça de tartaruga é pintada com policromia enriquecida a ouro, uma influência clara da arte mogol cortesã (Silva, 1996).

Outro objeto patente numa coleção particular, não nomeada, já presente em exposições de arte indo-portuguesa, tem um formato típico, mas apresenta duas características fora do comum: uma pega com duas cobras representadas em semicírculo, viradas uma para a outra, e uma fechadura com um brasão, provavelmente da família que fez a encomenda. Este último pormenor é, até agora, único em objetos desta tipologia, incrementando o seu valor (Henriques, 2009). No Museu Nacional de Machado de Castro, existem dois cofres: aquele no qual este artigo se foca, e um outro do século XVII, que se encontra em pior estado de conservação, estando por isso em reserva. Este último tem como origem o Tesouro da Sé que foi

incorporado no Museu em 1913, e apresenta uma coloração mais escura, com guarnições com decorações fitomórficas em todas as arestas, e querubins a adornar a face dianteira e os pés. A lingueta, ao contrário da maior parte dos cofres desta tipologia, não apresenta uma representação de um lagarto.

A coleção particular de Pedro Aguiar Branco detém atualmente três cofres com estas características, que divulgaram através de catálogos e exposições. O primeiro, um exemplar do século XVI, foi comprado à leiloeira Cabral Moncada Leilões e pertenceu anteriormente a outras duas coleções particulares. É um exemplar já com evidências de alteração, com várias manchas escuras. As guarnições estão concentradas principalmente nos cantos e na tampa, com motivos vegetalistas. O segundo, também do século XVI, apresenta uma coloração mais clara, mais semelhante à de outros produzidos nesta época, e guarnições em faixa. O último, dos finais do século XVI, foi utilizado originalmente como guarda joias (Crespo, 2019) e tem uma decoração simples, esquemática, que lembra as gravuras decorativas do Renascimento (Crespo, 2019), mostrando a união da arte europeia com a arte mogol.

O exemplar pertencente à Igreja da Nossa Senhora da Conceição, em Portimão, dos finais

do século XVI, inícios do século XVII, apresenta uma coloração escura, com uma fechadura em forma de escudo, o ferrolho na típica forma de lagarto e uma decoração mais simples, com várias chapas de prata, equidistantes a percorrer a estrutura do cofre. O cofre do Museu Nacional Soares dos Reis apresenta uma decoração semelhante, mas com uma fechadura quadrangular e com quatro pequenos pés em forma de leão, podendo assumir-se que são da mesma época.

Nos livros de registos de entrada do Mosteiro de São Lourenço de El Escorial, consta que a Imperatriz Maria de Áustria ofereceu ao seu irmão, Filipe II, a 2 de novembro de 1597 dois cofres em tartaruga com guarnições em prata (Vinhais et al., 2008). Teriam dimensões maiores que o normal para este tipo de objetos, uma coloração clara e guarnições altamente trabalhadas com elementos fitomórficos e zoomórficos. Outro objeto com dimensões semelhantes é o que se encontra no Victoria and Albert Museum, adquirido em 1919 por um colecionador americano em San Sebastian, que o doou à instituição em 1959 (Victoria and Albert Museum, 2016). A galeria de arte de Jorge Welsh possui um exemplar muito belo, do século XVI também, com tonalidades claras, guarnições e cantoneiras com decoração vegetalista e o ferrolho com a forma típica de lagarto (Vinhais et al., 2008). O

cofre da coleção José Lico também apresenta características muito semelhantes a estes e ao do Museu Nacional de Machado de Castro, com uma coloração meia avermelhada e guarnições minuciosamente trabalhadas. Na leiloeira Cabral Moncada Leilões foi vendido também um com elementos muito semelhantes a este grupo de cofres (Cabral Moncada Leilões, 2019b).

A Arquidiocese de Évora tem no seu inventário dois cofres desta tipologia, que outrora tiveram funções de relicário. Um dos exemplares, do qual se data a produção entre finais do século XVI e inícios do século XVII, já apresenta uma decoração mais elaborada, com elementos fitomórficos e as guarnições a estenderem-se ao longo das suas arestas, com um ferrolho em forma lagarto de cabeça virada para baixo, com cauda encaracolada. Tem um comprimento um pouco inferior à média dos outros cofres já referidos e possui um detalhe diferente: uma cruz de prata que assenta sobre uma lâmina do mesmo material no topo da tampa. Este pormenor, apesar de não ser único, uma vez que está presente em cofres de outros materiais, poderá ter tido como propósito o reforço da ideia da sua função como relicário. O outro exemplar, datado do século XVIII, tem guarnições muito simples e localizadas apenas nos pés, cantos, ferrolho, pega e dobradiças (Arquidiocese de Évora, 2014). Por comparação

com outros exemplares tardios, do século XVIII, pertencentes ao Museu dos Biscainhos, à Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, ao Museu do Oriente, e à coleção particular de Fernando Távora, verifica-se que nesta época as decorações eram menos elaboradas e as placas de prata ocupavam uma menor superfície da carapaça de tartaruga, que também apresentava tonalidades mais escuras.

Para além destes exemplares em que foi possível recuperar mais informação e imagens ilustrativas, existem referências a objetos desta tipologia no Mosteiro de Santa Clara em Medina de Pomar, Burgos e no Palazzo Pitti em Florença, parte da coleção Medici (Vinhais et al., 2008), o que mostra que não eram apreciados só em Portugal e estavam presentes em vários pontos da Europa. No Museu de Évora existe também um cofre com estas características, mas não foi encontrada informação sobre o mesmo. Não obstante, considerando as semelhanças decorativas, pode assumir-se que seja do século XVI e que tenha sido utilizado como relicário.

Após o estudo dos vários cofres conhecidos e com registos que permitem identificar as datas em que foram produzidos ou incorporados em coleções, é possível definir sumariamente três períodos de produção distintos:

- produção inicial de meados do século XVI, em que os cofres se aproximavam mais dos protótipos islâmicos, com pouca decoração e formato em urna;
- produção dos finais do século XVI e inícios do século XVII, em que os cofres têm um comprimento maior e tampas mais baixas. As guarnições também são mais trabalhadas, começando a incorporar mais elementos fitomórficos e zoomórficos e ocupando uma maior superfície do cofre;
- produção final, mais próxima do século XVIII, em que a carapaça de tartaruga tem uma coloração mais escura e as guarnições, apesar de trabalhadas, ocupam muito pouco espaço, normalmente apenas os cantos, a fechadura, o ferrolho, as pegas e as dobradiças.

Tendo em conta estes fatores e as semelhanças em termos decorativos, pode colocar-se o cofre do Museu Nacional de Machado de Castro em estudo como pertencendo ao segundo período de produção, entre os finais do século XVI, inícios do século XVII.

2 – Caso de estudo: o cofre indo-português da coleção do Museu Nacional Machado de Castro

O cofre indo-português presente na coleção do Museu Nacional de Machado de Castro (Fig. 1) possui forma paralelepipedal, tendo o corpo principal com 21,7 cm de comprimento, 8,5cm de altura e 10,2cm de largura.



Fig. 1 – Cofre em tartaruga e prata do Museu Nacional de Machado de Castro, n.º de inventário MNMC6121/O65. © Inês Costa

A sua tampa é ondeada, tendo como dimensões 21,7cm de comprimento, 4,4cm de altura no seu ponto mais alto e 10,2cm de largura, estando, no entanto, dividida em quatro secções, cada uma com cerca de 21,7cm de comprimento 1,1cm de largura. Está assente em quatro pés, e é composto por dois materiais distintos: carapaça de tartaruga polida, que

constitui as faces, fundo e tampa do cofre, e prata, em que são executadas as guarnições. Estes materiais causam um contraste visual entre si, tornando este objeto mais belo e delicado.

As lâminas de carapaça de tartaruga polida possuem uma cor escura, com tons de laranja avermelhados e algumas manchas castanhas, e são orladas nas arestas por guarnições de prata recortada, fixas através da utilização de pregos de cabeça estrelada. As placas de prata utilizadas na zona superior do cofre têm uma largura ligeiramente inferior às existentes na base.

Os ornatos estão intercalados harmoniosamente, consistindo essencialmente em elementos fitomórficos, entrelaçados com folhagem, e elementos zoomórficos, como corsas, lagartos e cobras.

Nos cantos do cofre, sobrepondo-se às lâminas de prata inferiores que percorrem o seu comprimento, existe uma outra guarnição em prata (presumivelmente para o reforço dos cantos) que causa o prolongamento dos elementos decorativos, percorrendo a totalidade da altura (Fig. 2).

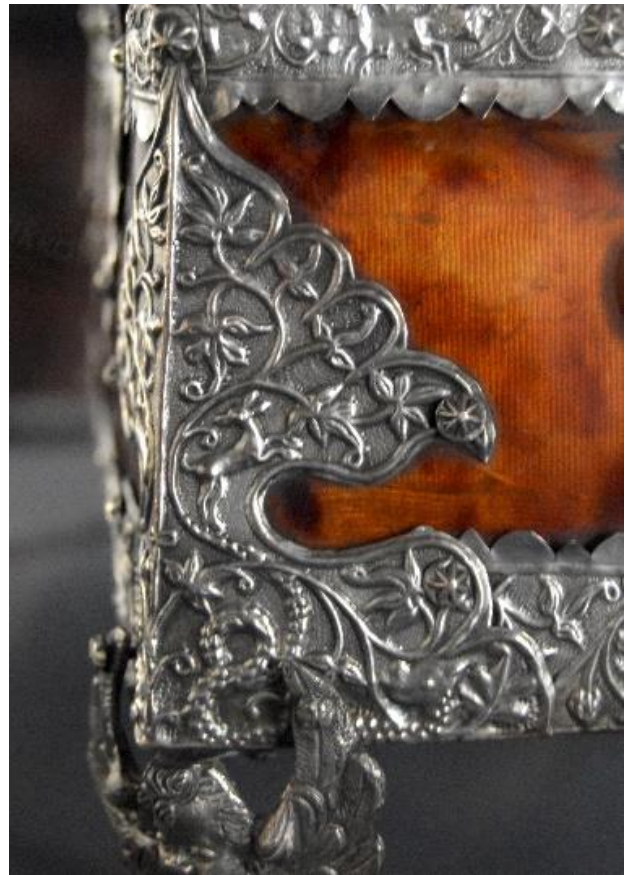


Fig. 2 – Pormenor dos elementos decorativos nas guarnições dos cantos. © Inês Costa

As três dobradiças do cofre, que unem a tampa ao corpo principal, encontram-se na parte posterior (Fig. 3), e apresentam uma decoração fitomórfica delimitada por enrolamentos, seguras por pregos de cabeça estrelada. As laterais contêm duas pegas incisadas, simulando serpentes, presas ao cofre através de duas argolas, que assentam sobre lâminas de prata de forma hexagonal.

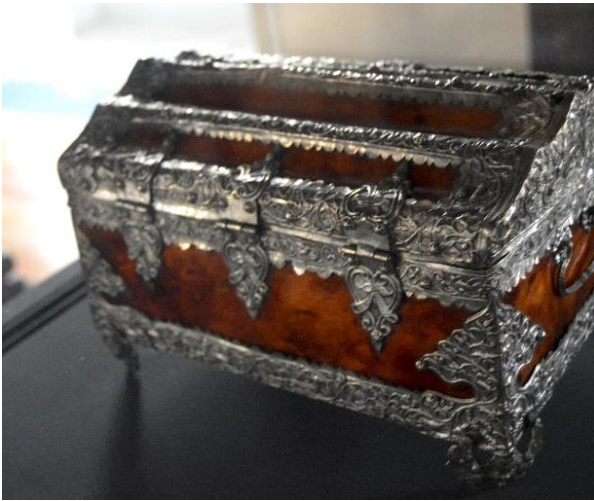


Fig. 3 – Traseira do cofre, com dobradiças.

© Inês Costa

O fecho e o ferrolho, talvez os elementos do cofre que mais saltam à vista, estão localizados na face frontal do cofre. O fecho tem uma forma quadrangular, delimitado por ornamentação zoomórfica, com oito cobras a deitar a língua de fora, duas entrelaçadas entre si em cada uma das faces. O centro, relevado, tem como decoração elementos fitomórficos e um pequeno pássaro de perfil. A fechadura localiza-se na parte inferior, centrada. O ferrolho, por sua vez, tem uma lingueta com uma representação de um lagarto escamado, característica comum nesta tipologia de objetos, com uma cauda encaracolada (Fig. 4), e no seu prolongamento apresenta decoração fitomórfica, delimitada por enrolamentos.

Em cada um dos cantos, o cofre assenta sobre um pé de prata, executado na forma de um querubim com uma pequena cabeça apoiada

sobre as mãos, e um par de asas que encaixam diretamente no cofre, fixos novamente por pregos de cabeça estrelada.



Fig. 4 – Pormenor da lingueta em forma de lagarto. © Inês Costa

O interior é carapaça de tartaruga polida, sem decorações, e contém uma almofada com quatro borlas e galões de ouro, forrada de seda lavrada.

Com base na documentação existente, é possível que este exemplar tenha sido produzido no Guzarate, local onde, como foi mencionado anteriormente, a carapaça de tartaruga polida era utilizada na confeção de vários objetos (Vinhais et al., 2008). As guarnições terão sido aplicadas posteriormente em Goa, como sugere Diogo do Couto, na sua obra *O Soldado Prático* (1570). Não existem registos documentais do motivo e data da sua encomenda, quem fez o pedido ou o seu destinatário, mas como estes cofres eram altamente apreciados, especialmente nas igrejas (Vinhais et al., 2008), poderá ter sido

adquirido por um doador ou por uma família abastada para usar como dote para a entrada de uma jovem para a ordem das clarissas. O período da sua produção deve rondar os finais do século XVI, graças à datação mais precisa e registos existentes de exemplares semelhantes.

Inicialmente, integrou o acervo do Convento de Santa-Clara-a-Nova (Flores et al., 2004) e pode ter sido uma doação ou um dote de entrada de uma das clarissas. Tinha frequentemente uma função litúrgica, como caixa de hóstias ou relicário (Alarcão, 2005). Fez parte do Tesouro da Sé, tal como grande parte do acervo dos conventos e mosteiros da zona de Coimbra e arredores, após a extinção das ordens religiosas em 1834, embora não conste nos inventários realizados pelas clarissas em 1891 e 1893 (AUC, 1893). Assume-se que terá sido transferido anteriormente para o Tesouro da Sé.

Em 1911, após a morte do bispo D. Manuel de Bastos Pina, o Tesouro da Sé foi transferido por António Augusto Gonçalves para o recém-fundado Museu Machado de Castro. Desde a sua entrada no museu, não existem registos precisos sobre a sua localização ao longo dos anos (se esteve em exposição ou em reserva), mas, em 1992, constou na Exposição de Ourivesaria dos Séculos XVI e XVII realizada no museu (IPM, 1992), e consta no seu catálogo.

Encontra-se em exposição permanente no museu na sala de mobiliário dos séculos XVI-XX, desde da sua reabertura em 2011, após as obras de requalificação do espaço museológico.

Considerações finais

Através da comparação do cofre com outros semelhantes presentes noutras instituições e coleções, foi possível delinear o percurso que o exemplar presente no Museu Nacional de Machado de Castro teve desde a sua criação. Para isto, foi feita uma comparação dos fechos, dobradiças e outros elementos decorativos com cofres produzidos no Guzerate e Goa, permitiu não só atribuir o seu local de origem, mas também datar mais precisamente a época em que terá sido produzido dentro do período de execução destes cofres (do século XVI ao século XVIII). Foi também possível compreender o uso que teria originalmente, como relicário ou caixa de hóstias, atribuindo-lhe um significado que vai para além de objeto museológico.

Isto demonstra, que mesmo quando a informação sobre um objeto museológico é praticamente inexistente, ao compará-lo com exemplares semelhantes é possível escrever a sua história e contextualizá-lo.

Referências

Alarcão, A. (2005) *Museu Nacional Machado Castro – Roteiro*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.

Alberti, S. J. M. M. (2005) Objects and the Museum in *Isis*. 559-571.

Arquipélagos (2016) *Banco de Imagens* [Online]. Disponível em:

<http://www.arquipelagos.pt/arquipelagos/newlayout.php?mode=imagebank&details=1&id=32619>

[Consultado: 17 de novembro de 2016].

Bethencourt, F. e Chaudhuri, K. (1998) *História da Expansão Portuguesa – vol. I: A Formação do Império (1415-1570)*. Navarra: Círculo de Leitores.

Cabral Moncada Leilões (2019a) *Top Antiguidades e Obras de Arte – 4ª Posição* [Online]. Disponível em: <https://www.cml.pt/top/antiguidades-e-obras-de-arte/arte-lusiada-e-colonial/4/cofre>.

[Consultado: 15 junho 2019].

Cabral Moncada Leilões (2019b) *Lote 178 – Cofre com Tampa Polifacetada*. Disponível em:

<https://www.cml.pt/leiloes/2009/106-leilao/sessao-unica/lote-178/cofre-com-tampa-polifacetada>.

[Consultado: 15 junho 2019].

Couto, D. (2009) *O Soldado Prático*. Coimbra. Angelus Novus: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade.

Crespo, H. M. (2019) *A Arte de Colecionar: Lisboa, a Europa e o Mundo na Época Moderna (1500-1800)*. Lisboa: AR|PAB.

Cunha, M. S. (1999) *Os espaços de um império - Catálogo*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Cunha, M.S. (1998) *Construtores do Oriente Português*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Curtis, N. G. W. (2006) Universal Museums, museum objects and repatriation: the tangled stories of things in *Museum Management and Curatorship* 21. 117-127.

Costa, I. (2019). Construção da história de um cofre Indo-Português. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 36-52). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

E-Cultura (2019) *Cofre de Tartaruga* [Online]. Disponível em: <https://www.e-cultura.sapo.pt/artigo/12373>. [Consultado: 15 junho 2019].

Felgueiras, J. (1996) 'A Family of Precious Gujarati Objects', in Silva, N.V. (ed.) *The Heritage of Rauluchantim*. Lisboa: Museu de São Roque, pp. 137-138.

Flores, J. M. C. S. e Silva, N.V. (2004) *Goa e Grão-Mogol*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gleich, M. (1999) *História Ilustrada das Antiguidades – Guia básico para Antiquários, Colecionadores e Apreciadores de Arte*. Singapura. Nobel. 252-253.

Inventário da Coleção MNMC; Ourivesaria Sécs XVI e XVII. Lisboa: IPM, 11/1992.

Inventário das Imagens, Alfaias e Demais Objetos encontrados no extinto Convento de Santa Clara de Coimbra (Cota III-1^a-16-2).

Inventário do Convento de Santa Clara de Coimbra Adicional (Cota III-1^a-16-2).

Kopytoff, I. (1986) 'The Cultural Biography of Things' in Appadurai, Arjun (ed.) *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*. Cambridge. Cambridge University Press. 64–91.

Museu de São Roque (2016) *Cofre-Relicário* [Online]. Disponível em <http://www.museudesao Roque.pt/pt/colecoes/arte-oriental/cofrerelicario.aspx>. [Consultado: 17 de novembro de 2016].

Pearce, S. M. (1994) 'Object as meaning; or narrating the past' in Pearce, S. M. *Interpreting Objects and Collections*. Londres. Routledge. 19-29.

Pinto, M. H. M. (1991) *De Goa a Lisboa, catálogo da exposição*. Portugal/Bruxelas. Europália 91. 42

Pyrard, F. (1611) *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes Orientales (1601-1611)*. Chandeigne.

Rodrigues, A. M. (2001) *Outro Mundo Novo Vimos*. Lisboa. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses; Inapa. 138.

Silva, M. M. C. (1966) *A Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Edições Excelsior.

Silva, N. S. (1996) *A Herança de Rauluchantim*. Lisboa. Museu de São Roque. 192.

Costa, I. (2019). Construção da história de um cofre Indo-Português. In P. M. Homem, D. Silva & G. Graça (Eds.), *Ensaio e Práticas em Museologia* (Vol. 08, pp. 36-52). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP.

Silva, N. V. (1993) *No Caminho do Japão: Arte Oriental nas Coleções da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa. Museu de São Roque. 52-53.

Silva, N. V. (2004) 'Pedras Preciosas, Joias e Camafeus: a viagem de Jacques de Coutre de Goa a Agra', in Flores, J. M. C. S., Silva, N.V. (ed.), *Goa e Grão-Mogol*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Silva, N. V., Trnek, H. (2001) *Exotica: Os Descobrimentos Portugueses e as Câmaras de Maravilhas do Renascimento*. Lisboa. Museu Calouste Gulbenkian.

Sousa, A. C. (1744) *Provas da historia genealogica da casa real portugueza, tiradas dos instrumentos dos archivos da Torre do Tombo, da serenissima casa de Bragança, de diversas cathedraes, mosteiros, e outros particulares deste reyno – vol. 3*. Lisboa. Officina Sylviana.

Victoria and Albert Museum (2016) *Casket* [Online]. Disponível em: <http://collections.vam.ac.uk/item/O70805/casket-unknown/>. [Consultado: 16 novembro 2016].

Vinhais, L., Welsh, J. (2008) *Arte Expansionista. Objetos Contemporâneos e Posteriores*. Lisboa: Jorge Welsh Books.